

## **Religião e sociedade na Ásia romana**

Religion and Society in Roman Ásia

*Valtair A. Miranda*<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo se detém na análise da situação do movimento de Jesus na província romana da Ásia, no período final do século I, em especial as disputas de poder, os conflitos com as comunidades judaicas, e as tentativas de interação com a sociedade romana, como evidenciados no documento conhecido como Apocalipse de João. Por meio deste texto, seu autor deseja promover entre membros de algumas igrejas da Ásia um tipo de sectarismo religioso e social.

**Palavras-chave:** Religião e sociedade; Ásia romana; Apocalipse de João; Cristianismo antigo.

### **Abstract**

This article focuses on the analysis of the situation of the Jesus movement in the Roman province of Asia, in the late period of the first century, especially power disputes, conflicts with Jewish communities, and attempts to interact with Roman society, as seen in the document known as Revelation of John. Through this text, its author wishes to promote a religious and social sectarianism among members of some churches of Asia.

**Keywords:** Religion and society; Roman Asia; Revelation of John; Ancient Christianity.

O Apocalipse de João foi escrito nos anos 90 do primeiro século da Era Comum, provavelmente nos últimos anos do principado do imperador Domiciano (Titus Flavius Domitianus).<sup>2</sup> A partir de uma referência interna (Apocalipse 1.9), é possível circunscrever seu local de origem como sendo a

---

<sup>1</sup> Valtair Afonso Miranda é Graduado em Teologia, Licenciado em História, Mestre e Doutor em Ciências da Religião, e Doutorando em História no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente da Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> COLLINS, Adela Yarbro. *Crisis and Catharsis: the power of the Apocalypse*. Philadelphia: The Westminster Press, 1984. p. 57. Domiciano foi assassinado no dia 18 de setembro de 96 por uma conspiração palaciana, e substituído no mesmo dia por um dos seus *amici*, o senador M. Cocceius Nerva. Cf.: JONES, Brian W. *The emperor Domitian*. Londres: Routledge, 1992. p. 93.

pequena ilha do mar Egeu de nome Patmos, e seu destino como um conjunto de comunidades localizadas na província proconsular da Ásia (Apocalipse 1.11): Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia.

Este João de Patmos está longe de Roma, capital do Império. Apesar dos atos e gestos do Imperador poderem refletir na vida de João e no público de sua obra, em termos sociais, políticos, econômicos ou culturais, o contexto específico do Apocalipse é mesmo a Ásia romana. Em função disso, este texto se deterá na análise desta província, focando em aspectos que poderiam iluminar de alguma forma o contexto de produção do Apocalipse.

### **1. Patmos, o ponto de partida**

Segundo o Apocalipse, seu autor, João, recebeu a série de visões que deu origem à obra enquanto estava na ilha de Patmos, no mar Egeu: “Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.” (Apocalipse 1.9)

Patmos é uma ilha pequena. Em termos gerais, são treze quilômetros de extensão por oito de largura. Mas sua costa recortada reduz consideravelmente suas dimensões. Sua margem fica a 64 quilômetros da foz do rio Maeander, o ponto mais próximo da Península da Ásia Menor.<sup>3</sup> No final do primeiro século, 60 quilômetros a separavam de Mileto, seu principal vínculo com o continente. Das cidades mencionadas no Apocalipse, entretanto, a mais próxima era Éfeso, distante da ilha cerca de 100 quilômetros.

A associação de Patmos com Mileto era formal, fazendo parte do seu território, junto com as ilhas de Lipsos e Leros. Nas três ilhas havia algum tipo de povoamento. Em Patmos, especificamente, seu povo era conhecido como

---

<sup>3</sup> HEMER, Colin J. *The letters to the seven churches of Asia in their local setting*. Sheffield: Sheffield Academic Press Ltd, 1986. p. 27.

*frouroi*, e seus líderes, *frouarchoi*, atuando como parte do governo de Mileto para a população local.<sup>4</sup>

É preciso insistir no fato de que Patmos não era uma ilha deserta, ou mesmo uma colônia penal. O professor David Aune argumenta neste sentido e aponta como evidência duas inscrições encontradas na ilha. Uma, datada para o século II a.C., faz referência a uma associação local de atletas, à presença de um *gymnasium*, e à figura de um *gymnasiarcha* eleito sete vezes para a mesma função. Outra, de duzentos anos depois, já na Era Comum, fala de uma *hidrophore*, sacerdotisa de Artemis, e a presença de um templo local bem estabelecido para esta deusa.<sup>5</sup>

João escreve de uma ilha pertencente à cidade de Mileto, a cidade mais próxima de onde ele se achava.<sup>6</sup> Curiosamente, entretanto, ela está ausente da lista de cidades mencionadas no Apocalipse. Talvez a resposta a esta questão tenha relação com a falta de uma comunidade do movimento de Jesus em Mileto. O livro Atos dos Apóstolos, escrito de um lugar indeterminado entre os anos 80 e 90,<sup>7</sup> contém uma narrativa que parece indiciar a ausência de uma comunidade na cidade. Nela (Atos 20.17-38), Paulo se prepara para fazer uma viagem a Roma. Entre seus preparativos está uma visita à igreja de Jerusalém. Durante sua viagem, ele pára em Mileto para conversar não com discípulos da cidade, mas com líderes que vieram da igreja de Éfeso. O autor anônimo explicita que “de Mileto, mandou a Éfeso chamar os presbíteros da igreja.” (Atos 20.17) Não há qualquer menção à presença de seguidores do movimento de Jesus, pelo menos perto do ano 60, quando os eventos narrados por Atos se deram.<sup>8</sup> Neste sentido, a omissão do Apocalipse pode indicar que as três décadas que separam a parada

---

<sup>4</sup> AUNE, David E. *Revelation 1-5*. Dallas: Word Books, 1997. p. 76.

<sup>5</sup> AUNE, David E. *Revelation 1-5*. Dallas: Word Books, 1997. p. 77.

<sup>6</sup> Ele usa o termo grego *evgenomai*, primeira pessoa do aoristo do indicativo médio: “achei-me”.

<sup>7</sup> KUMMEL, Werner G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 238.

<sup>8</sup> GALBIATTI, Enrico Rodolfo; ALETTI, Aldo. *Atlas histórico da Bíblia e do Antigo Oriente*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 216.

de Paulo na cidade e a passagem de João por ela não foram suficientes para o surgimento de uma igreja no lugar.

## **2.A península da Ásia menor**

A expressão Ásia Menor é uma referência à península do continente asiático que se estende para o Oeste na direção do Mar Egeu, cercada ao norte pelo Mar Negro e ao sul pelo Mar Mediterrâneo, normalmente usada para distinguir a península do restante do continente. A península é separada da Europa pelo Mar de Mármara e dois pequenos estreitos: o estreito de Bósforo, na direção do Mar Negro, e o Helesponto, na direção do Mar Egeu. De qualquer forma, quer nos tempos romanos, quer em períodos anteriores, a região não chegou a constituir uma unidade política ou cultural. Nem mesmo a geografia ou o clima eram homogêneos. A região ocidental, dominada por muito tempo pelos ageus, fazia parte da Magna Grécia, e possuía um clima tipicamente Mediterrâneo. O platô central era seco, com clima marcado por temperaturas extremas, e atravessado por uma cadeia de montanhas. Essa região permaneceu largamente rural, com um reduzido índice demográfico, e pouco receptiva às influências ocidentais. A costa norte e a costa sul, quase isoladas da Península por barreiras montanhosas, se envolveram rapidamente em atividades relacionadas com o mar. No norte, grãos e metais do sudeste do Mar Negro atraíram comerciantes e colônias gregas. No sul, região banhada pelo Mediterrâneo, os contatos maiores eram com os povos semitas.<sup>9</sup>

A Península, durante sua história, acabou se tornando uma ponte entre povos, sempre sujeita a novos conquistadores, invasores e culturas. Antes de Alexandre o Grande atravessar o Helesponto, em 334 a.C., a região inteira estava sob o domínio persa. Antes que terminasse o ano 333 a.C., entretanto, toda a Ásia Menor já se encontrava sob o controle helenista. Após a morte de Alexandre (323

---

<sup>9</sup> KYLE, Melvin Grove (ed.) *The International Standard Bible Encyclopedia*. Grand Rapids: Eerdmans, 1979. (4 Volumes) v. I, p. 322-323.

a.C.), e a dificuldade dos seus sucessores em manter o governo da região, novos reinos começaram a se constituir, sendo os dois mais fortes o Reino da Bitínia e o Reino de Pérgamo. O rei da Bitínia, Nicomedes I, em 278 a.C., trouxe um exército da Gália para a região para servir como aliado, mas rapidamente perdeu o controle sobre o grupo, que se fixou na região central da península, dando a ela o nome de Galácia.<sup>10</sup>

A principal dinastia de Pérgamo foi instaurada por Atalus I (241-197 a.C.), que, junto com seus sucessores, promoveu um estável reinado. Em 133 a.C., Atalus III entregou o governo e controle do seu reino para o Senado Romano em testamento. Apesar de uma eventual resistência local, os romanos assumiram a região de Pérgamo e a transformaram na primeira província oriental (126 a.C.), com o nome de Ásia Proconsular.<sup>11</sup> A província comportava uma porção ocidental da península e algumas ilhas do Egeu.

Em 102 a.C., os romanos também organizaram a província da Cilícia para ajudar a guardar as fronteiras do leste da ainda República romana. No ano 74 a.C., Nicomedes IV legou o reino da Bitínia para Roma, transformado então na província de mesmo nome. Um grande adversário romano na região, Mitridates VI, do Ponto, foi derrotado pelo general Pompeu em 63 a.C., que adicionou grande parte do reino de Ponto à província da Bitínia. No ano 25 a.C., já no período do Império, a Galácia era um reino cliente de Roma, mas com governo próprio. Quando seu rei, Amintas, morreu, Augusto transformou o reino em uma nova província. Após a anexação da Capadócia como província em 17 d.C., a maior parte da Península estava finalmente sob o controle direto de Roma.<sup>12</sup>

Apesar de uma ou outra pequena alteração no arranjo geográfico e político das províncias, a Ásia Menor, no final do primeiro século, estava dividida da seguinte forma: no oeste, região do Helisponto, local do antigo reino de Pérgamo,

---

<sup>10</sup> KYLE, Melvin Grove (ed.) *The International Standard Bible Encyclopedia*. p. 325.

<sup>11</sup> MAGIE, David. *Roman rule in Asia Minor to the end of third century after Christ*. Princeton: Princeton University Press, 1950. p. 32-33.

<sup>12</sup> KYLE, Melvin Grove (ed.) *The International Standard Bible Encyclopedia*. p. 326.

banhada pelo Mar Egeu, a província da Ásia. No norte, região do Bósforo, banhada pelo Mar Negro, separada do restante da Península por uma cadeia de montanhas, a província da Bitínia e Ponto. Na região central da Península, numa zona predominante rural, com número reduzido de cidades, marcada por clima áspero, a região habitada pelos antigos gauleses é a província da Galácia. No Sul, na região banhada pelo Mar Mediterrâneo, marcadas por uma forte cadeia montanhosa na fronteira com o centro da Península, estavam: a Cilícia, com fronteira leste para a província da Síria, e a Lícia e Panfília ao centro, com fronteira para a Ásia e a Galácia.<sup>13</sup>

Se, como sugere a historiadora Elaine Pagels, João de Patmos era realmente um nativo da Palestina que transitou para a Ásia Menor no período posterior à Guerra Judaico-romana (66-70 d.C.),<sup>14</sup> ele pode ter passado por um circuito muito semelhante ao que o antigo missionário do movimento de Jesus, Paulo de Tarso, passou na década de 50-60 do primeiro século, e tido contato com quase todas as províncias e cidades da Península.

A língua predominante na região era o grego, apesar do uso do latim para as deliberações oficiais e políticas das cidades e governos, e línguas próprias de grupos étnicos, como o gaulês, falado na Galácia pelo menos até o quinto século.<sup>15</sup> Em linhas bem amplas, o ocidente da Península e as regiões costeiras eram bem helenizados, e receptivos com a cultura grega, enquanto o centro e a Capadócia ainda manifestavam alguma resistência cultural.

Nas regiões mais helenizadas, a população girava em torno das cidades. Como precisou Bekker-Nielsen, o mundo antigo é “impensável sem a cidade. O mundo da Grécia clássica era um mundo de cidades-estado; o Império Romano

---

<sup>13</sup> PRICE, Simon R. F. *Rituals and Power: The Roman imperial cult in Asia Minor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. xxi.

<sup>14</sup> PAGELS, Elaine. *Revelations: visions, prophecy and politics in the Book of Revelation*. New York: Penguin Books, 2012. p. 7.

<sup>15</sup> FREELY, John. *Children of Achilles: the Greeks in Asia Minor since the days of Troy*. London: I. B. Tauris, 2010. p. 83. Sobre as diversas etnias e línguas da Península, cf.: WOODARD, Roger D. (ed.) *The ancient languages of Asia Minor*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 1-5.

foi um império de cidades”.<sup>16</sup> Entretanto, os direitos e deveres de cada cidade variavam bastante em função dos diferentes status que cada uma possuía e mantinha com o Império. De uma maneira geral, as sete cidades mencionadas pelo Apocalipse, com exceção de Filadélfia, eram grandes cidades com população que giravam em torno dos 200 mil habitantes, todas localizadas dentro da principal província da Península, a Ásia. Com alguma probabilidade, saindo de Pátmos, o Apocalipse teria desembarcado em Mileto, a cidade continental mais próxima. Depois, seria levado para Éfeso. Posteriormente, ele seguiria para o norte e iniciaria uma viagem quase circular, em sentido horário, tendo como próxima parada a cidade de Esmirna. Em seguida, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia.

### **3. Província proconsular da Ásia**

Para Cícero (107-43 a.C.), a “Asia vero tam opima est ac fertilis” (*a Ásia é ótima e fértil*), e acrescentou que “na riqueza de seus óleos, na variedade de seus produtos, na extensão de seus pastos e no número de suas exportações ela ultrapassa todas as outras terras” (De Imperio cn. Pompei ad quirites oratio 14). A Ásia Menor era uma das regiões mais ricas do Império, e dentre as seis províncias da península, a Ásia era a mais rica.<sup>17</sup>

A primeira província romana no lado oriental do Helesponto era cortada por quatro grandes rios que nasciam no leste para desaguar no Mediterrâneo: Caicus, Hermus, Cayster e Maeander. Cada um destes rios é separado por uma cadeia de montanhas, formando um vale importante para a agricultura. Como

---

<sup>16</sup> BEKKER-NIELSEN, Tonnes. *Urban life and local politics in Roman Bithynia: the small world of Dion Chrysostomos*. Aarhus: Aarhus University Press, 2008. p. 13. Cf. também: ROSTOVTZEFF, Mikhail Ivanovich. *História de Roma*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977. p. 217.

<sup>17</sup> MAGIE, David. *Roman rule in Asia Minor to the end of third century after Christ*. p. 34-52. Cf. também: KRAYBILL, J. Nelson. *Culto e comércio imperiais no Apocalipse de João*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 89; THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 146.

Magie destacou, estes vales eram importantes fatores para o desenvolvimento econômico da província.<sup>18</sup>

As colinas e vales providenciavam as condições próprias para uma grande variedade de recursos naturais: grãos, vinho, azeite, frutos e nozes, flores aromáticas para perfumes e pomadas, plantas para a indústria têxtil, produtos florestais, pasto para ovelhas, cabras e porcos. A atividade mineradora extraía chumbo, cobre, ferro, sal e mármore das minas da região. Além dos recursos naturais, outra fonte de riqueza para a província eram suas cidades. Nelas surgiram importantes espaços de comércio local e regional, e também centros de desenvolvimento de manufaturas, onde artesãos desenvolviam seus produtos. Como estas atividades dependiam de muitas pessoas, as cidades da Ásia se tornaram núcleos de desenvolvimento de diversas atividades.

No início do império, a costa da província já estava completamente ocupada pelo território das cidades. No interior, entretanto, elas eram encontradas basicamente nas margens das estradas. Cada cidade se conectava à outra por estradas, que os imperadores, desde Otávio Augusto, a partir de 27 a.C., construía, reformavam e expandiam, cruzadas constantemente por viajantes e pequenas caravanas que transportavam tecidos e metais preciosos. Arranjos eram feitos pelos viajantes para viabilizar suas viagens, por meio de associações religiosas ou redes comerciais, que ajudavam com as paradas. Era relativamente seguro viajar por estas estradas, cuja segurança era feita por autoridades locais, pelo menos nos dois primeiros séculos do Império.<sup>19</sup>

As grandes cidades da Ásia competiam por honras e status. Éfeso era a capital, a residência do governador da província. Ela tinha recebido já do primeiro imperador, Otávio Augusto, o direito de dedicar um espaço sagrado para Roma e o Imperador. Outro tipo de honra almejado pelas cidades envolvia o lugar em que os oficiais romanos instalavam as cortes locais em suas viagens judiciais. Neste sentido, a província era dividida em cortes distritais em torno de

---

<sup>18</sup> MAGIE, David. *Roman rule in Asia Minor to the end of third century after Christ*. p. 37.

<sup>19</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 148.



cidades designadas. No início do Império, estas cortes distritais incluíam Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Sardes, bem como Alabanda, Adramiteum, Apamea, Cibira, Sinada, e Filomelium.

O Império Romano não tentou mudar o sistema democrático das antigas cidades gregas, que possuíam seus concílios, magistrados e assembleias de cidadãos.<sup>20</sup> Nos termos de David Magie, o Império era mais ou menos um “amontoado de comunidades auto-governadas”.<sup>21</sup> Um importante aspecto, entretanto, marcou o período de governo dos Flávios, inaugurado por Vespasiano, no ano 69 (69-79), passando por Tito (governou de 79-81), e terminando com Domiciano (governou de 81-96). Estes imperadores incrementaram uma política de supervisão sobre os governos locais de cada província, num processo de centralização.<sup>22</sup>

Estas mudanças administrativas fizeram com que as cidades da Ásia passassem a ser administradas mais como a cidade de Roma do que como uma *polis* grega. Os membros do conselho da cidade deveriam ter sua própria propriedade. O conselho se tornou permanente, não mais alvo de eleição, tornando-se um corpo diretor da cidade. A assembleia dos cidadãos passou simplesmente a confirmar aquilo que o conselho recomendava. A administração direta ficava a cargo de três a cinco magistrados executivos, que controlavam as receitas e despesas, implementando decisões do conselho e da assembleia, e atuando como judiciário em caso de desobediência às decisões.<sup>23</sup> Leonard Thompson fala em sete tipos de oficiais envolvidos na gestão de uma cidade:<sup>24</sup>

---

<sup>20</sup> Para uma análise do governo das cidades da província, atentando para especificidades de cada cidade, cf.: DMITRIEV, Sviatoslav. *City government in hellenistic and roman Asia Minor*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 34-63.

<sup>21</sup> MAGIE, David. *Roman rule in Asia Minor to the end of third century after Christ*. p. 639.

<sup>22</sup> MAGIE, David. *Roman rule in Asia Minor to the end of third century after Christ*. p. 566; THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 149.

<sup>23</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 150.

<sup>24</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*, p. 150.

- um escriturário (*grammateus*) apresentava resoluções para a assembleia, supervisionava a construção de estátuas, e atuava em outras pequenas atividades públicas;

- um superintendente de mercado (*agoranomos*) supervisionava a manutenção e a construção de prédios no mercado, estabelecia preços, controlava os pesos e medidas, observava o suplemente de comida e óleo da cidade;

- um superintendente de ruas (*astynomos*), cuidava das ruas da cidade, do saneamento básico, e do suprimento de água;

- um tesoureiro (*tamias*) fazia os pagamentos ordenados pelo conselho;

- um juiz de paz (*eirenarches*) atentava para a lei e a ordem;

- um xerife (*parafylax*) era responsável pelo território ao redor da cidade, protegendo as terras e seus limites;

- um advogado (*ekdikos*) atuava na defesa da cidade em disputas internas e externas, às vezes com o governo romano.

Esta administração se desenvolvia sob o sistema da patronagem. Somente pessoas ricas poderiam ocupar cargos, pois não somente deveriam ter recursos para serem eleitos, como também gastavam dos próprios bens na execução de suas atividades. Os magistrados eleitos pagavam por suas magistraturas, e ainda faziam donativos para transportar grãos, pagar taxas imperiais, construir edifícios e fazer estradas.

“Liturgia” era o termo usado para descrever tanto a doação livre quanto a doação compulsória, em caso de magistratura.<sup>25</sup> Duas das mais importantes liturgias eram a manutenção do ginásio (*gymnasiarchia*) e o subsídio aos festivais (*agonothetes*). O *gymnasiarcha* atuava num dos mais importantes espaços de vida social de uma comunidade romana, já que um ginásio não incluía apenas locais de banho e sauna, mas também lugares para atividades físicas, para leitura e lazer.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> DMITRIEV, Sviatoslav. *City government in hellenistic and roman Asia Minor*. p. 114.

<sup>26</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 151.

Os donativos de pessoas ricas formavam a mais importante fonte de renda de uma cidade da Ásia. Mas existiam outras fontes de receita. As cidades cobravam taxas sobre o uso da terra, caso ela fosse uma propriedade privada, ou alugueis, se era parte do *ager publicus*. Outras receitas vinham de concessões para mercados e exercício de manufatura no interior da cidade.

No campo das despesas das cidades da província, nenhum salário era gasto com as magistraturas mais altas. Eram os magistrados que pagavam pelo cargo, e seus escravos pessoais que realizavam as tarefas regulares. Entretanto, pequenos oficiais recebiam algum salário ou honorário. As maiores despesas de uma cidade ficavam por conta de obras públicas, como aquedutos, edificação de ginásios, mercados, estradas e templos.

Ao analisar as atividades de manufatura no interior das cidades da Ásia, Thompson aponta principalmente para o trabalho com tecido.<sup>27</sup> Ele destaca os bordados de Lídia, os corantes vermelhos de Sardes, a lã negociada em Tiatira e trabalhada em Laodicéia e Colossos, e o linho de Éfeso. Além da manufatura de tecido, Pérgamo produzia pergaminho, curtidores de couro trabalhavam em Tiatira, trabalhadores de prata e ouro se concentravam em Esmirna.

Com exceção da produção de tecido, as demais atividades serviam basicamente às necessidades locais e regionais. Era difícil o transporte de grandes volumes, sendo mais prático o trânsito do profissional com sua ferramenta para trabalhar a matéria prima na própria região em vez de carregá-la de forma bruta. Trabalhadores deste tipo viviam em atividades itinerantes, movendo-se de cidade em cidade.

Estas várias atividades de manufatura e comércio geravam oportunidades para vários ofícios, exercidos geralmente por pessoas livres. O escravo atuava mais em atividades domésticas, como seguranças pessoais, escriturários, secretários, funcionários públicos e trabalhadores braçais. Outro lugar significativo da presença escrava eram as minas e pedreiras. Os homens livres,

---

<sup>27</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 152-154.

por sua vez, envolvidos em atividades de manufatura ou comércio se organizavam em associações ou sindicatos vinculados às suas específicas atividades. No final do primeiro século, elas formavam uma significativa forma de organização social.

#### **4.A relação entre o Império e a província**

Formalmente, a Ásia era uma província senatorial governada por um procônsul indicado pelo senado romano.<sup>28</sup> Aparentemente, entretanto, tanto o imperador quanto o senado poderiam promover regulamentos que afetariam a província. Nela havia representante imperial e senatorial.

Durante o governo da dinastia Flávia, a gestão da Ásia foi marcada pela recuperação econômica.<sup>29</sup> A aclamação de Vespasiano se deu em Alexandria, no dia 1 de julho de 69, sendo prontamente reconhecido pelas províncias orientais. O novo imperador, viajando de navio, parou em várias cidades da costa da Ásia, onde oficiais locais fizeram os juramentos habituais de fidelidade.<sup>30</sup>

Após sua ascensão ao poder, Vespasiano encontrou o tesouro imperial falido pelas guerras civis que se seguiram à morte de Nero. Para restaurar as finanças públicas, ele adotou uma política econômica que reduziu os gastos do governo, e procurou aumentar as receitas do estado, reorganizando o recolhimento das taxas públicas, ou criando novas, como o *fiscus Alexandrinus* e o *fiscus Iudaicus*. Esta segunda taxa passou a ser cobrada dos judeus, para substituir um imposto que os judeus recolhiam para subsidiar o Templo de Jerusalém, recentemente destruído pelas legiões de Tito.<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> MAGIE, David. *Roman rule in Asia Minor to the end of third century after Christ*. p. 569.

<sup>29</sup> Para uma análise da reorganização efetuada por Vespasiano na província, mantida e ampliada por Tito e Domiciano, cf.: LEVICK, Barbara. *Greece and Asia Minor*. In: BOWMAN, Alan (ed.) *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. (14 volumes) v. XI, p. 604.

<sup>30</sup> MAGIE, David. *Roman rule in Asia Minor to the end of third century after Christ*. p. 566.

<sup>31</sup> GRIFFIN, Miriam. *The Flavians*. In: BOWMAN, Alan (ed.) *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. (14 volumes) v. XI, p. 27.

Uma mudança importante se deu na forma como as taxas imperiais eram cobradas. A cobrança saiu das mãos dos *publicani* para um agente do governo liderado por um procurador em Roma e outro em cada província. Posteriormente, Domiciano criou o ofício de *curator civitatis* para ajudar cidades que tivessem dificuldades para gerir seus recursos. Este processo de centralização financeira diminuiu a autonomia da província, mas ajudou suas cidades.

Vespasiano buscou incentivar o desenvolvimento da Ásia Menor pelo incremento na construção e manutenção de estradas. Estradas importantes foram construídas após a ascensão dos Flávios, como duas estradas que saíam de Pérgamo no ano 75. Uma descia na direção de Esmirna e Éfeso, margeando a costa. Outra seguia pelo interior na direção de Tiatira e Sardes. Estas mesmas estradas foram restauradas por Domiciano. Além das vantagens para o comércio e a comunicação, o foco nas estradas tinha também como objetivo facilitar o acesso para a região oriental da Ásia Menor, e as fronteiras com o Império Persa no Eufrates. Por elas deveriam circular as legiões romanas e o suprimento para as tropas.<sup>32</sup> Mas não havia uma legião específica estacionada em qualquer província da Ásia Menor. A defesa da região dependia inteiramente das legiões fixadas na Síria.

O governo de Tito deu seqüência às políticas de seu pai, até que em setembro de 81, após sua morte, ele foi sucedido por Domiciano. Há um juízo tradicional negativo a respeito deste último imperador da dinastia Flávia, como ilustrado pela opinião de Eusébio de Cesaréia (263-339):

Domiciano deu provas de uma grande crueldade para com muitos, dando morte sem julgamento razoável a não pequeno número de patrícios e de homens ilustres, e castigando com desterro fora das fronteiras e confisco de bens a outras inúmeras personalidades sem causa alguma. Terminou por constituir a si mesmo sucessor de Nero na animosidade e guerra contra Deus. Efetivamente ele foi o segundo a promover a perseguição contra nós, apesar de que seu pai Vespasiano nada de mal planejou contra nós. (História Eclesiástica 3.17.1)

---

<sup>32</sup> MAGIE, David. *Roman rule in Asia Minor to the end of third century after Christ*. p. 571.

Este juízo se reflete também na historiografia. David Magie descreve inicialmente o governo de Domiciano como inescrupuloso e impiedoso,<sup>33</sup> mas pouco depois reconhece que:

nas províncias existe pouca evidencia de crueldade por parte de Domiciano ou mesmo de pretensões de grandeza exageradas. No oriente, mesmo o título de ‘deus’ que incomodava os ouvidos romanos era tido como normal. Ainda o título completo ‘Deus invisível, fundador da cidade’, inscrito no pé de uma estatua do imperador em Priene, não era mais extravagante do que outros dados a muitos de seus antecessores, e a outorga do epíteto de ‘fundador’ parece indicar que ele realmente beneficiou a cidade.<sup>34</sup>

A relação de Domiciano com a Ásia, assim, não foi diferente da forma como seu irmão, Tito, e seu pai, Vespasiano, trataram a província. A província se beneficiou com a gestão dos Flávios, que terminou com a morte de Domiciano em setembro de 96, já que o imperador não deixou herdeiro.

Um testemunho da prosperidade do período pode ser encontrado em um dos livros dos Oráculos Sibilinos, surgido perto do ano 80. O oráculo, escrito na perspectiva do Judaísmo da diáspora na Ásia, atacou o Império Romano, mas não deixou de evidenciar a riqueza da província, segundo seu autor, espoliada em favor de Roma:

Grande riqueza virá para Ásia, riqueza que uma vez Roma, tendo tomado-a por rapina, armazenou em uma casa de insuperáveis riquezas, mas sem demora ela faz uma dupla restituição para a Ásia; então haverá um excesso de conflitos. (Oráculo Sibilino IV, I, 42f)<sup>35</sup>

Durante as décadas da dinastia Flávia, a situação econômica da Ásia se refletiu no volume de novas construções não apenas por meio de recursos públicos, mas também através de subsídios de pessoas ricas. Estas *liturgias*

---

<sup>33</sup> MAGIE, David. *Roman rule in Asia Minor to the end of third century after Christ*. p. 577.

<sup>34</sup> MAGIE, David. *Roman rule in Asia Minor to the end of third century after Christ*. p. 577.

<sup>35</sup> Citado a partir de MAGIE, David. *Roman rule in Asia Minor to the end of third century after Christ*. p. 582.

incluíam recursos para as edificações, para o reparo de construções, para a manutenção de centros sociais, e para a realização de festivais.<sup>36</sup>

A cidade mais beneficiada no período foi, possivelmente, a sede da província, Éfeso. Nela residia o proconsul da cidade. O procurador, ou vice-proconsul, com alguma probabilidade, também morava nela. A partir da década de 90, mesmo sem uma precisão maior, três pessoas se sucederam no governo da Ásia até a morte de Domiciano: Sextus Vettulenus Civica Cerialis; C. Minicius; e L. Junius Caesennius Paetus.<sup>37</sup>

## **5. Comunidades judaicas na província da Ásia**

Os mais antigos membros das igrejas da Ásia eram oriundos de comunidades judaicas da Ásia Menor. Das centenas de cidades da província asiática, a presença do movimento de Jesus era atestada onde existia também uma comunidade judaica.<sup>38</sup> É plausível, mesmo, tratar o movimento de Jesus na Ásia como parte do Judaísmo da diáspora.

Frequentadores de sinagogas ou de igrejas viviam na Ásia Menor, no final do primeiro século e início do segundo, em grandes áreas urbanas, e o que puder ser dito sobre o primeiro grupo vale também para o segundo. O movimento de Jesus está em processo de ruptura e construção de identidade própria, mas esse processo ainda não se completou na região, como o próprio Apocalipse pode evidenciar. Apesar de membros da sociedade romana, especialmente seus magistrados, já perceberem alguma diferença entre um e outro, na vida cotidiana eles permaneciam histórica, social e teologicamente envolvidos. Esse parece ser

---

<sup>36</sup> MAGIE, David. *Roman rule in Asia Minor to the end of third century after Christ*. p. 583.

<sup>37</sup> MAGIE, David. *Roman rule in Asia Minor to the end of third century after Christ*. p. 1582-1583.

<sup>38</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 133.

o motivo que levou João de Patmos a se envolver em disputas com membros das sinagogas locais (Apocalipse 2.9; 3.9).<sup>39</sup>

A crise com as sinagogas de Esmirna (Apocalipse 2.9) e Filadélfia (Apocalipse 3.9) pode ter relação com a forma como as comunidades judaicas se adaptaram ao contexto urbano da província. Judeus habitavam a região desde que Antioco III ordenou a realocação de duas mil famílias judaicas da Babilônia para a Frigia como uma colônia militar a fim de minimizar revoltas na região.<sup>40</sup> Desde então, judeus estavam amplamente presentes na parte ocidental da Ásia Menor, vivendo suas praticas religiosas, mas com relativa integração na vida cívica das cidades.<sup>41</sup>

Mesmo depois da guerra judaico-romana (66-70), os judeus da Ásia continuaram a compartilhar da prosperidade da província, sem ameaça de punições por algum tipo de conexão com o conflito na Judéia.<sup>42</sup> Com exceção do *Fiscus Iudaicus*, nenhuma outra conseqüência política ou social foi imposta aos judeus da diáspora pelo Império Romano após a guerra. Segundo Josefo, “o mesmo soberano ordenou também que os judeus, em qualquer lugar onde morassem, deveriam pagar, cada qual, todos os anos, duas dracmas ao Capitólio, como antes pagavam ao templo de Jerusalém.” (Guerra dos Judeus 27) A identificação dos judeus com a sociedade romana é bem testemunhada por este sobrevivente da guerra. Em *Antiguidades Judaicas*, ele argumenta que judeus em Sardes eram sardianos, em Éfeso eram efésios, em Antioquia, eram antioquenos. (Antiguidades Judaicas 2.39)

Judeus eram membros ativos de associações comerciais e sindicatos. Também eram agricultores, vinhateiros, marinheiros, trabalhadores de metal e

---

<sup>39</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 145.

<sup>40</sup> TREBILCO, Paul. *Jewish communities in Asia Minor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 5

<sup>41</sup> TREBILCO, Paul. *Jewish communities in Asia Minor*. p. 173.

<sup>42</sup> TREBILCO, Paul. *Jewish communities in Asia Minor*. p. 32.



perfumaria. Estavam envolvidos ainda em manufaturas têxtil, como tintureiros, vendedores e fabricantes de roupa.<sup>43</sup>

Em cada uma das sete igrejas mencionadas no Apocalipse, judeus viviam suas vidas segundo as tradições judaicas, mas sem desprezar a participação em atividades urbanas locais. Foi a partir destas comunidades judaicas, engajadas na vida cotidiana do Império, que o movimento de Jesus da Ásia formou suas igrejas.

## **6. O movimento de Jesus na província da Ásia**

A província da Ásia se situava na costa ocidental da península da Ásia Menor. O autor do Apocalipse, João, aponta a ilha de Patmos, pertencente à cidade de Mileto, como o local de origem do livro. Todas as cidades mencionadas explicitamente na obra são cidades de grande porte dentro da província, com exceção de Filadélfia.

As principais evidências da presença de cristãos nestas cidades vêm de fontes do próprio movimento (cartas de Paulo, Atos dos Apóstolos, cartas de Pedro, Apocalipse e Inácio de Antioquia). A mais antiga referência a igrejas na região vem de cartas que Paulo de Tarso escreveu para comunidades de discípulos de Corinto na década de 50. Ele estava em Éfeso enquanto escrevia estas cartas (1Coríntios e 2Coríntios). O autor anônimo do livro Atos dos Apóstolos também falou do tempo em que Paulo ficou em Éfeso. Segundo ele, Paulo ficou na cidade por três anos (Atos 20.31).

Tanto as cartas a Coríntios quanto Atos dos Apóstolos evidenciam que na capital da província existiam outros líderes do movimento. Paulo não era o único. Outros, como Aquila, Priscila e Apolo também são mencionados. Estes líderes eram artesãos independentes, oriundos de comunidades judaicas da Ásia Menor. Isso se nota por meio de sua mobilidade, sua ocupação e a hospedagem de igrejas em suas casas. Pessoas com a mobilidade que eles possuíam deveriam possuir

---

<sup>43</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 144.

recursos. Para acomodar pessoas, suas casas também deveriam ter razoável espaço. Não eram pessoas de classes inferiores.

Já nos tempos de Paulo se manifestou a questão da interação das comunidades com a vida urbana da cidade, especialmente na questão da alimentação em atividades religiosas ou cívicas. Em cidades gregas e romanas, as pessoas tinham várias oportunidades para participar de refeições cúlticas. Isso poderia acontecer em ocasiões públicas (funerais, celebrações, festas cívicas etc.) ou privadas (clubes, organizações comerciais, refeições privadas etc.). Tanto numa quanto noutra situação, as refeições expressavam conexão social em torno de causas comuns.<sup>44</sup>

Fazer refeições públicas e comer carne oriunda de sacrifícios religiosos são elementos diretamente ligados à questão da participação nas instituições sociais da cidade e do Império. Este tipo de pressão poderia ser diferente para status sociais distintos. Segundo Gerd Theissen, cristãos ricos teriam mais oportunidades de se envolver em refeições cúlticas de caráter público do que cristãos pobres.<sup>45</sup>

Quando Paulo tratou deste assunto em 1Coríntios 8-10, ele relacionou a participação nas refeições com a situação dos fracos e fortes dentro da comunidade. Seu argumento caminha na direção de que somente nos casos em que estratos diferentes da igreja de Corinto (fortes e fracos) participassem juntos, como em festivais públicos, é que os cristãos deveriam se abster (1Coríntios 8.7-13). Nas instâncias privadas, poderiam participar e comer sem a necessidade de perguntar pela origem da comida (1Coríntios 10.27). As igrejas da Ásia provavelmente nasceram a partir de mensagens e perspectivas semelhantes à de Paulo de Tarso.

O autor do Apocalipse, quatro décadas depois de missionários como Paulo, Aquila, Priscila e Apolo terem fundado estas comunidades, escreve uma obra na qual defende posições divergentes. Os adversários de João descritos em

---

<sup>44</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*, p. 123.

<sup>45</sup> THEISSEN, Gerd. *Sociologia da cristandade primitiva*. São Leopoldo: Sinodal, 1983. p. 146.

sua obra, como os nicolaítas, baalamitas ou Jesabel, são atacados por promoverem algum tipo de interação com a sociedade, interação essa que parece ter relação com a mesma questão respondida por Paulo na sua carta aos Coríntios: a participação em refeições ou atividades sociais que envolviam a ingestão de carne originada em sacrifício religioso. Aqueles que João enxerga como adversários são provavelmente membros do movimento de Jesus que possuem uma perspectiva semelhante à que Paulo deu aos crentes de Corinto. Thompson analisa a questão e sugere que como as respostas que os adversários de João dão é semelhante à do antigo missionário de Tarso, possivelmente eles possuíam posições sociais semelhantes, ou seja, estavam envolvidos em atividades comerciais, possuíam responsabilidades cívicas e pertenciam a um estrato mais rico da liderança das igrejas da Ásia.<sup>46</sup> Este mesmo autor defende que as igrejas da Ásia deveriam ter, em linhas gerais, uma mesma composição social. Elas possuíam em seus quadros pessoas livres e escravas, homens e mulheres, ricos e pobres, e deveriam se parecer com muitas associações religiosas ou sociais que existiam na Ásia.<sup>47</sup> Estas associações, *synodos*, proliferavam consideravelmente desde a instauração do Império, e se manifestavam no Ocidente e no Oriente. Segundo Meeks, elas surgiam a partir da decisão de um grupo de doze a quarenta pessoas de se encontrarem em algum lugar para reuniões.<sup>48</sup>

Nestas reuniões havia certa semelhança de status social entre seus membros. Entretanto, o próprio fenômeno “status” é complexo e possui várias dimensões. No status social de uma pessoa ou família influíam elementos como poder, prestígio da ocupação, renda ou riqueza, educação e cultura, religião e pureza ritual, família ou grupo étnico, status da comunidade local em que se estava envolvido. Cada um destes elementos poderia ser conjugado de forma

---

<sup>46</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 129.

<sup>47</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 127.

<sup>48</sup> MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 54.

diferente em uma dada circunstância histórica. Na prática, o status de um cidadão romano era o resultado de como estas variáveis eram consideradas na sociedade local. Mesmo que existisse certa perspectiva geral, um sacerdote de Éfeso poderia ter mais status do que um comerciante rico da cidade. Em outra cidade, o conhecimento poderia ser mais importante do que a etnia; em outra, a pureza ritual poderia valer mais do que a descendência familiar. A riqueza poderia dar mais status do que o conhecimento; mas em algumas circunstâncias, pertencer a uma família nobre era mais importante do que ter recursos financeiros.<sup>49</sup>

Atentando para estes elementos, o que as fontes geradas pelo movimento de Jesus poderiam apontar como status social dos seus membros? O missionário Paulo de Tarso, na mesma carta que escreveu para a comunidade de Corinto, informa que, “não muitos da comunidade eram sábios segundo o mundo, nem poderosos, nem de nobre nascimento”. (1Coríntios 1.26) Dizer que não havia “muitos” significa afirmar que havia “alguns”. Entre os membros do movimento na cidade havia pessoas cultas (“sábias segundo o mundo”), ricas (“poderosos”) ou bem nascidas (“de nobre nascimento”). Segundo o argumento de Paulo, estes formavam uma minoria dentro da comunidade, apesar de se constituírem numa minoria dominante.<sup>50</sup>

Outro testemunho de diversidade de posições sociais dentro das comunidades da Ásia pode vir de uma carta que Plínio, o Jovem, escreveu em 112, enquanto atuava como governador da província da Bitínia e Ponto, também na Ásia Menor. O quadro descrito por Plínio parece ser bem parecido com a composição da igreja de Éfeso, ou das demais cidades mencionadas no Apocalipse. Plínio resolveu tratar deste assunto com o Imperador Trajano porque entendeu que a questão era digna de consideração imperial, em função do número de pessoas que se engajavam no movimento. Estes “christiani” eram de

---

<sup>49</sup> Conferir esta discussão em: MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos*. p. 91.

<sup>50</sup> THEISSEN, Gerd. *Sociologia da cristandade primitiva*. São Leopoldo: Sinodal, 1983. p. 146-147.

todas as idades (*omnis aetatis*), todas as ordens (*omnis ordinis*), tanto homem quanto mulher (*utrisque sexus*) (Epístolas 10.96.8).

Uma carta que Paulo escreveu a Filemon, já na década de 60, no período em que esteve preso em Roma, indica outro aspecto significativo da composição destas comunidades. Filemon era proprietário de escravo. Um deles, Onésimo, fugiu, encontrou-se com Paulo em Roma, converteu-se ao movimento, e foi orientado a voltar para seu antigo *dominus*, este também um convertido morador da Ásia. Uma igreja se reunia na casa deste senhor de escravos (Filemon 2). Não é possível saber quantos escravos Filemon possuía, mas ele recebe a orientação de Paulo para que recebesse seu antigo escravo de forma amistosa, não mais como escravo (*w`j dou,lon*), e sim como alguém mais do que escravo (*u`per dou,lon*). O escravo agora deveria ser tratado como irmão (*w`j avdelfon*). A tábua doméstica registrada na carta aos Efésios (Efésios 6.5), especifica que os escravos deveriam obedecer aos seus senhores com temor e tremor (*μετὰ φόβου καὶ τρόμου*).

Isso indica que as comunidades de Jesus tinham a presença de pessoas livres e escravas, senhores e servos, mas as orientações de seus líderes tendiam a tomar o lado dos senhores, em vez dos escravos.

Outros elementos também podem iluminar o quadro social destas comunidades da Ásia.<sup>51</sup> Primeiramente, o fato de alguns de seus membros escreverem livros e cartas para serem lidas no interior do movimento indica uma presença significativa de pessoas que sabiam escrever e ler numa sociedade em que estas capacidades eram altamente valorizadas. Um segundo aspecto pode ser encontrado naqueles que hospedavam a comunidade em sua casa, os quais deveriam ter certa ascendência sobre os membros do movimento. Possivelmente, eles agiam como “patronos” da igreja, da mesma forma como outros patronos da cidade suportavam clubes e associações comerciais. Por fim, cristãos viajavam muito, num período em que viagens eram muito custosas. Meeks sugeriu, a partir

---

<sup>51</sup> Sobre estas sugestões, cf.: THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 128-129.

dos itinerários apresentados nos Atos dos Apóstolos, que o missionário Paulo de Tarso pode ter viajado aproximadamente dezesseis mil quilômetros durante sua carreira religiosa.<sup>52</sup> Estas viagens eram bancadas geralmente por atividades profissionais próprias, mas, em algumas circunstâncias, como no caso de João de Patmos, algum tipo de patrocínio poderia ser buscado entre as comunidades visitadas.

Com comunidades assim constituídas, de que maneira seus membros se relacionavam com a sociedade? Como já anteriormente aventado, os membros do movimento de Jesus da Ásia estavam inseridos na vida cotidiana da província e não buscavam ruptura com seus vizinhos. Apesar da dificuldade em situar geograficamente a origem ou o destino, escrevendo em meados do segundo século, o autor da carta a Diogneto resumiu:

Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por línguas ou costumes. Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver. Sua doutrina não foi inventada por eles, graças ao talento e especulação de homens curiosos, nem professam, como outros, algum ensinamento humano. Pelo contrário, vivendo em cidades gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida social admirável e, sem dúvida, paradoxal. Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira. (Carta a Diogneto, 5.1-5)

Tertuliano, no final do segundo século, argumentou de modo semelhante para a sociedade de Cartago ao escrever sua Apologia. Segundo ele, os cristãos tinham a mesma maneira de vida, as mesmas roupas, e os mesmos costumes; eles freqüentavam juntos o mercado, o açougue, os banhos públicos, as lojas, as fábricas, as tavernas, as feiras, e outros negócios. Cristãos eram marinheiros, soldados, agricultores, e se envolviam no comércio com não cristãos. Defendendo

---

<sup>52</sup> MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos*. p. 32.

sua comunidade, ele argumentou que eles proviam habilidades e serviços para o benefício de toda a sociedade romana (Apologia 42).

Tanto a Carta a Diogneto quanto Apologia não dizem respeito específico à Ásia do final do primeiro século, mas pelo menos indiciam as linhas gerais que alimentavam a interação social no movimento de Jesus. A perspectiva do missionário Paulo, na década de 50 e 60, parece estar replicada em Diogneto e Apologia, no segundo século. Isso significa dizer que os seguidores de Jesus procuravam viver suas vidas compartilhando das mesmas situações que os demais membros da sociedade romana. Eles tinham contatos com pessoas de outros vínculos religiosos na economia, sociedade, família e política. Os seguidores de Jesus tocavam suas vidas de forma pacífica com seus vizinhos, tentando viver sem distúrbios, ou mesmo chamar muita atenção.

### **7.A sociedade enquanto foco de tensão**

No mesmo período em que João escreveu seu Apocalipse, mas longe de Patmos cerca de 1.600 quilômetros, um dos líderes da igreja de Roma, o presbítero Clemente, escreveu uma carta para a igreja de Corinto. Clemente romano alcançou grande prestígio em várias comunidades cristãs posteriormente, a ponto de sua carta aparecer em diversas listas canônicas. O que levou Clemente a se manifestar, aparentemente, foi algum tipo de tumulto interno do movimento de Jesus em Corinto. Alguns líderes da igreja teriam sido destituídos sem motivo aparente, o que gerou o protesto de Clemente. Ele escreveu: “Caríssimos, é vergonhoso, muito vergonhoso e indigno de conduta cristã ouvir dizer que a firme e antiga Igreja de Corinto, por causa de uma ou duas pessoas, está em revolta contra os seus presbíteros.” (1Clemente 47.6).

Na saudação inicial, ele descreve a igreja da capital como “estrangeira em Roma”. A expressão poderia ser indício de algum tipo de desconforto da comunidade em relação à sociedade romana. Outra passagem de sua carta talvez aponte para a mesma direção: “Irmãos, pelas desgraças e adversidades

imprevistas, que nos aconteceram uma após outra, acreditamos ter demorado muito para dar atenção às coisas que entre vós se discutem” (1Clemente 1.1). O autor faz referência a algum tipo de crise que impediu que ele se manifestasse anteriormente sobre a situação de Corinto, mas ele evita descrever a natureza desta crise em qualquer outro lugar da obra.

Ao sugerir o fim para os conflitos internos da comunidade, ele toma o exército romano como exemplo de organização e ordem:

Irmãos, militemos com toda nossa prontidão sob as ordens irrepreensíveis dele. Consideremos os soldados que servem sob as ordens de nossos governantes: com que disciplina, docilidade e submissão eles executam as funções que lhes são designadas! (1Clemente 37.1-2)

Ao demonstrar certa admiração pela estrutura militar do Império, ou quando denomina os oficiais romanos de “nossos governantes”, a carta de Clemente parece evidenciar que os membros da comunidade de Jesus estabelecida na capital do Império não possui uma crise aberta com a sociedade. Em função de suas analogias, o mesmo poderia ser dito a respeito da igreja de Corinto. Essa parece ser também a postura que adotou o autor de 1Pedro, possivelmente entre os anos 90-95,<sup>53</sup> escrevendo talvez de Roma: “Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, quer seja ao rei, como soberano, quer às autoridades, como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores como para louvor dos que praticam o bem (1Pedro 2.13-14).

Alguns argumentos de Clemente (1Clemente 55.2-3) indicam que a igreja já passou por dificuldades, mas ele minimiza a crise inserindo-a numa exortação em benefício do bem comum. O presbítero Clemente não atribui à sociedade romana a responsabilidade pelas dificuldades que a comunidade enfrentou. Isso sugere a existência de uma comunidade estabelecida na capital do Império engajada em evitar problemas com a sociedade, experiência essa que parecia estar replicada em comunidades da província da Ásia.

---

<sup>53</sup> KUMMEL, Werner G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 557-558.



Mas se os membros do movimento de Jesus, de uma forma geral, tentavam manter laços regulares com a sociedade romana, o inverso também poderia ser afirmado? Da parte dos governantes, geralmente, havia certa tolerância para com costumes e mesmo divindades locais, desde que não se opusessem aos interesses romanos. Esta atitude de tolerância relativa deve ter favorecido o desenvolvimento das igrejas. Muitas comunidades existiram sem serem notadas por quase um século.<sup>54</sup> Ações oficiais da parte dos procônsules, procuradores ou outros magistrados locais, como as noticiadas por Plínio o Jovem ao imperador Trajano no início do segundo século, eram raras.

Tensões se manifestavam, de forma intermitente, como perseguições eventuais, mas normalmente não eram oficiais. Segundo Thompson, para pessoas de fora da comunidade, o movimento de Jesus era uma religião suspeita por quatro motivos: era nova, estrangeira, secreta e exclusiva.<sup>55</sup> Provavelmente foi em consequência de uma suspeição desta natureza que cristãos foram acusados diante do governador da Bitínia no início do segundo século.

As cartas de Plínio indicam que o procedimento era novo e derivado de acusações predominantemente vagas. Não havia um crime específico no processo contra os cristãos. O governador perguntou: “Há de punir-se o simples fato de alguém ser cristão, mesmo que inocente de qualquer crime, ou exclusivamente os delitos praticados sob esse nome?” (Epístola 10.96.2) Ainda assim, na dúvida sobre o que fazer, Plínio inaugurou um teste:

Os que negarem ser cristãos, considere-os merecedores de absolvição. De fato, sob minha pressão, devotaram-se aos deuses e reverenciaram com incenso e libações vossa imagem colocada, para este propósito, ao lado das estátuas dos deuses, e, pormenor particular, amaldiçoaram a Cristo, coisa que um genuíno cristão jamais aceita fazer. (Epístola 10.96.5)

A província governada por Plínio era vizinha da Ásia e fazia parte do complexo cultural da mesma península. Ainda que o problema principal não

---

<sup>54</sup> GAGER, John G. *Kingdom and Community: The social world of Early Christianity*. New Jersey: Prentice-Hall, 1975. p. 124.

<sup>55</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 132.

fosse o culto imperial, o gesto do governador colocou o movimento em colisão com atividades religiosas locais. As Epístolas do governador e as respostas de Trajano indicam que ambos entendiam ser crime renegar ritos sagrados locais, especialmente o culto imperial.

## **8. O culto imperial enquanto foco de tensão**

Nos termos de Leonard Thompson, “nas províncias, rituais, imagens, templos, altares associados com o culto imperial contribuía de forma importante para a compreensão das pessoas acerca da sua relação com o imperador.”<sup>56</sup> Isso fazia da instituição do culto imperial uma importante representação do imperador e do Império na Ásia. Havia, entretanto, reciprocidade no seu estabelecimento. Era uma honra para a cidade ter um templo ou altar do culto imperial, ao mesmo tempo que era importante para o imperador. Império e senado aceitavam a existência do culto imperial e promoviam seu estabelecimento e manutenção, como igualmente o faziam as províncias. Isso significa que a rede de relações alimentadas pelo culto imperial entre Roma e Ásia era uma rede de poder, um instrumento político de vários níveis.<sup>57</sup>

Simon Price analisou a presença do culto na Ásia, insistindo na dificuldade de circunscrever o papel do culto imperial apenas às esferas políticas. Ele tinha igualmente um papel religioso. Segundo ele, rituais de sacrifício e devoção pública ou privada eram simultaneamente expressões religiosas e políticas.<sup>58</sup>

O culto imperial não foi criado pelo imperador do período do Apocalipse. Otávio Augusto recebeu honras das cidades da Ásia semelhantes às oferecidas aos deuses locais. Sacerdotes do primeiro imperador poderiam ser encontrados em mais de trinta cidades da Ásia Menor, e mais parentes seus receberam culto

---

<sup>56</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 158.

<sup>57</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 159.

<sup>58</sup> PRICE, Simon R. F. *Rituals and Power*. p. 235.

do que qualquer outro imperador depois dele. Durante o governo de Cláudio surgiu, ao lado do sacerdote exclusivo para o imperador vivo, outros sacerdotes com a responsabilidade de promover culto também para os imperadores mortos. Em função da antiguidade da prática e sua permanência no decorrer dos governos imperiais, é possível afirmar que Domiciano, alvo de uma forte crítica no Apocalipse (Apocalipse 13), não foi nem mais nem menos insistente com relação às suas prerrogativas divinas que qualquer imperador antes ou depois dele.<sup>59</sup>

Todas as sete igrejas do Apocalipse tinham manifestação do culto imperial em algum nível: cinco delas tinham altares imperiais (com exceção de Filadélfia e Laodicéia), seis tinham templos imperiais (com exceção de Tiatira) e cinco tinham sacerdotes imperiais (com exceção de Filadélfia e Laodicéia).<sup>60</sup>

Além das práticas e sacrifícios religiosos nos templos e altares dedicados ao Imperador, sacerdotes imperiais promoviam festivais públicos que eram importantes expressões religiosas e cívicas na Ásia. Estes festivais poderiam acontecer em diversas datas, mas estavam normalmente vinculados ao aniversário do Imperador. Durante as celebrações, os templos e santuários eram enfeitados e animais eram sacrificados em diversos altares espalhados pela cidade. Em cada local, a participação pública era aberta e esperada, tendo como clímax uma refeição ritual.<sup>61</sup>

Dentro dos templos imperiais, como em templos dedicados a outros deuses, havia estátuas do imperador vivo e de outros imperadores, alguma iconografia imperial e mesas para os diversos sacrifícios. Estátuas do imperador também eram encontradas ao longo das cidades ou em centros da vida pública urbana. Nem todas as estátuas do imperador encontradas nas cidades eram objeto de culto, mas aquelas que estavam em um lugar sagrado ou quando usadas em um tempo sagrado (um festival religioso, por exemplo), tinham um

---

<sup>59</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 159.

<sup>60</sup> PRICE, Simon R. F. *Rituals and Power*. p. 55-58.

<sup>61</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 163.

significado ritual. Estas estátuas e imagens tinham sentido religioso e político, e funcionavam como um lembrete permanente, uma representação, do poder do Imperador.<sup>62</sup>

A forma generalizada como o culto imperial se manifestou na Ásia fez com que a questão do relacionamento com a sociedade se tornasse significativo para o movimento de Jesus na província. Era difícil se relacionar com a sociedade sem participar de alguma forma de suas celebrações públicas. Para alguns líderes das igrejas da região, não havia problema no envolvimento em atividades próprias da cidade, e comer da comida oriunda dos sacrifícios religiosos. Se participassem destas celebrações, diminuiriam a tensão com a sociedade e continuariam envolvidos nos diversos negócios da vida urbana. Alguns, entretanto, como João de Patmos, possuíam uma perspectiva distinta. Possivelmente ele representava uma minoria dentro das igrejas da Ásia, que instava fortemente as comunidades a exacerbar a tensão com a sociedade e se isolar das estruturas sociais da península.<sup>63</sup>

## **Conclusão**

É contra o pano de fundo apresentado nos parágrafos anteriores que João escreveu seu Apocalipse, como um instrumento retórico para tentar produzir entre os membros das igrejas da Ásia uma perspectiva de sectarismo religioso e social. Dentro do seu livro, um dos principais instrumentos utilizados neste intento é o dualismo rígido entre bem e mal, que se traduzia numa guerra entre as forças das trevas e as forças da luz. Sua narrativa do fim dos tempos se manifesta por meio da descrição de uma guerra santa escatológica. O conflito pressuposto na seção das cartas (Apocalipse 1-3), anunciado prolepticamente entre os capítulos 4-11 do Apocalipse, é desdobrado na seção do Apocalipse que começa no capítulo 12 e se estende até seu final. A narrativa começa

---

<sup>62</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 163.

<sup>63</sup> THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. p. 167.

apresentando o motivo do conflito (Apocalipse 12.1-17) e termina com a vitória definitiva do Noivo, apresentado como o Guerreiro Celestial. O visionário espera que os crentes participem do confronto ao lado do Cordeiro. Entretanto, suas armas não são as mesmas utilizadas por um exército convencional. Eles vão vencer ao seguir o caminho do Cordeiro. É o testemunho, ou martírio, destes guerreiros, que provocará a derrota do Dragão e suas bestas.<sup>64</sup>

O sectarismo presente no Apocalipse, com seu convite para se afastar da sociedade e levantar os limites que separam os seguidores de Jesus de todos os demais, tem como pano de fundo uma visão de mundo em conflito, mergulhada numa guerra santa, na qual os discípulos fiéis estão convocados a participar.<sup>65</sup> Certamente nem todos aceitaram a convocação. A visão de João era uma visão de minoria. A maioria queria apenas viver com tranquilidade suas vidas no interior da sociedade romana.

## Referências

- AUNE, David E. *Revelation 1-5*. Dallas: Word Books, 1997.
- BEKKER-NIELSEN, Tonnes. *Urban life and local politics in Roman Bithynia: the small world of Dion Chrysostomos*. Aarhus: Aarhus University Press, 2008.
- DMITRIEV, Sviatoslav. *City government in hellenistic and roman Asia Minor*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- FREELY, John. *Children of Achilles: the Greeks in Asia Minor since the days of Troy*. London: I. B. Tauris, 2010.
- GAGER, John G. *Kingdom and Community: The social world of Early Christianity*. New Jersey: Prentice-Hall, 1975.
- GALBIATTI, Enrico Rodolfo; ALETTI, Aldo. *Atlas histórico da Bíblia e do Antigo Oriente*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- GRIFFIN, Miriam. The Flavians. In: BOWMAN, Alan (ed.) *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. (14 volumes) v. XI.
- HEMER, Colin J. *The letters to the seven churches of Asia in their local setting*. Sheffield: Sheffield Academic Press Ltd, 1986.

---

<sup>64</sup> Reddish analisou o tema no Apocalipse e levantou a hipótese de que o livro foi escrito para falar do martírio e sobre o martírio. Cf. REDDISH, Mitchell G. Martyr Christology in the Apocalypse. In: *Journal for the Study of the New Testament*, 33, 1988, p. 86. Jesus, neste caso, é o proto-martir que os seus seguidores devem imitar.

<sup>65</sup> MIRANDA, Valtair Afonso. *O caminho do Cordeiro: representação e construção de identidade no Apocalipse de João*. São Paulo: Paulus, 2011.

- JONES, Brian W. *The emperor Domitian*. Londres: Routledge, 1992.
- KRAYBILL, J. Nelson. *Culto e comércio imperiais no Apocalipse de João*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- KUMMEL, Werner G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- KYLE, Melvin Grove (ed.) *The International Standard Bible Encyclopedia*. Grand Rapids: Eerdmans, 1979. (4 Volumes).
- LEVICK, Barbara. Greece and Asia Minor. In: BOWMAN, Alan (ed.) *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. (14 volumes) v. XI.
- MAGIE, David. *Roman rule in Asia Minor to the end of third century after Christ*. Princenton: Princenton University Press, 1950.
- MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MIRANDA, Valtair Afonso. *O caminho do Cordeiro: representação e construção de identidade no Apocalipse de João*. São Paulo: Paulus, 2011.
- PAGELS, Elaine. *Revelations: visions, prophecy and politics in the Book of Revelation*. New York: Penguin Books, 2012.
- PRICE, Simon R. F. *Rituals and Power: The Roman imperial cult in Asia Minor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- REDDISH, Mitchell G. Martyr Christology in the Apocalypse. In: *Journal for the Study of the New Testament*, 33, 1988.
- ROSTOVTZEFF, Mikhail Ivanovich. *História de Roma*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- THEISSEN, Gerd. *Sociologia da cristandade primitiva*. São Leopoldo: Sinodal, 1983.
- THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*.
- TREBILCO, Paul. *Jewish communities in Asia Minor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- WOODARD, Roger D. (ed.) *The ancient languages of Asia Minor*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.